Krishnamurti

A Canção da Vida

ICK

A CANÇÃO DA VIDA

"A percepção da Verdade é uma experiência final e definitiva. Eu tornei a criar-me segundo a Verdade. Não sou poeta. Apenas procurei traduzir em palavras o meu processo de conhecimento íntimo".

Eis o que adverte Krishnamurti no início deste poema.

Sem dúvida, o mundo atual espera, ansioso, por uma nova luz. Cansada dos erros que cercam a religião e a filosofia, as superstições e crenças, a humanidade precisa ouvir a voz de um homem que realize, com o exemplo individual, aquilo que ele mesmo ensina. Esse homem é Krishnamurti.

Nascido brâmane, no sul da Índia, educado consoante a mais elevada cultura do Oriente e do Ocidente, dotado de rara penetração espiritual, com seus sábios conceitos, que esclarecem e solucionam os problemas da existência moderna, já conseguiu Krishnamurti, no plano universal, elevada posição como psicólogo e pensador.

Nos outros dois livros de versos: A BUSCA e O AMIGO IMORTAL, descreve ele como chegou à plena e consciente união com a própria Vida. Nos seus diversos trabalhos em prosa demonstra como podemos todos atingir, mediante o autoconhecimento, a perene bem-aventurança.

Esta tão inspiradora obra, pelo muito que nos oferece, é um testemunho vivo da grandiosa visão do autor.

A CANÇÃO DA VIDA

(poema)

J. KRISHNAMURTI

A CANÇÃO DA VIDA

4.ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO DE HUGO VELOSO

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Pres. Vargas, 418, sala 1109
Rio de Janeiro - RJ.
Brasil

Título do Original
em Inglês
THE SONG OF LIFE

1982

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in The United States of Brazil

ADVERTÊNCIA

A percepção da Verdade é uma experiência final e definitiva. Eu tornei a criar-me segundo a Verdade. Não sou poeta. Apenas procurei traduzir em palavras o meu processo de conhecimento íntimo.

Krishnamurti

I

Faze do teu desejo o desejo do mundo;
Do teu amor o amor do mundo.
Nos teus pensamentos considera o mundo;
Nos teus atos possa o mundo contemplar a tua eternidade.

Podes tirar muita água de um poço;
Mas nunca aplacarás a sede dos teus desejos.
Teu coração pode guardar a flor do seu amor;
Mas, com a vinda da morte, a flor emurchece.
Teus pensamentos podem ascender a objetivos elevados,
Mas estão presos à ansiedade e à dor.

Qual flecha lançada por braço hercúleo,
Deixa que tua meta se aprofunde na eternidade.
Como o riacho da montanha puro e célere,
Deixa a tua mente correr ardorosa para a liberdade.

Minha voz, que desperta da profundeza do amor,
É a voz da compreensão,
Nascida do incessante penar.

II

Quem pode dizer se o teu coração está imaculado?
Quem pode dizer se a tua mente está pura?
Quem pode satisfazer o teu desejo?
Quem pode curar-te da ardente dor da saciedade?
Haverá quem te dê compreensão,
Ou te mostre o caminho do amor?
Poderás furtar-te ao temor daquilo que se chama morte?
Poderás afastar de ti a dor da solidão,
Ou fugir ao clamor da ansiedade?
Poderás ocultar-te nos álacres sons da música?
Ou entregar-te a alegres divertimentos?

A sabedoria há de nascer da compreensão,
Ela faz soar a sua voz
No turbilhão do extremo caos.

Um homem viu as sombras a dançar,
E saiu em busca da causa de tanta beleza.

Pode a vida morrer?
Olha nos olhos do teu próximo.

O vale dorme, oculto, na escuridão de uma nuvem,
Mas o cimo da montanha é sereno,
No contemplar o céu aberto.

Nas margens do sagrado rio,
O peregrino repete um cântico sem parar,
E, isolado em frio templo,
Um homem, de joelhos, engolfa-se em sussurros devotos.
Mas, escuta! — sob a densa poeira do verão
Jaz uma verde folha.

Quem te libertará da tua prisão?
Ou rasgará o véu dos teus olhos?
Uma vereda sobe, vagarosa, a encosta da montanha,
Mas, quem carregará a ti como fardo próprio?

Eu vi um homem trôpego que caminhava em direção a mim,
Derramei lágrimas de dolorosas lembranças.

Na imensa distância
Uma estrela solitária impera no céu.

III

O fim de todas as coisas está no próprio começo,
Retido e oculto,
À espera da libertação
Pelo ritmo da dor e do prazer.

Colhido na agonia do Tempo,
Imerso na angústia íntima de sua expansão,
Ó Amado,
O Ser, do qual tu és o todo,
Procura o caminho do iluminado êxtase.

Moldado na poesia do ritmo,
Colhendo a riqueza da persecução da vida,
Ó Amado,
O Ser, do qual tu és o todo,
Marcha para o centro de todas as coisas.

No secreto santuário do desejo,
Pelos recessos de um amor envolvente,
Ó Amado,
O Ser, do qual tu és o todo,
Dança à canção da Eternidade.

Pela infinidade do visível e invisível,
Na sucessão de nascimento e morte,
Ó Amado,
O Ser, do qual tu és o todo,
Une o intervalo da separação.

Confuso na fervente adoração,
Seduzido pelas vãs pesquisas do pensamento,
Ó Amado,
O Ser, do qual tu és a totalidade,
Está em fusão para unir-se ao Incorruptível.

Como sempre, Ó Amado,
O Ser é ainda o Todo.

IV

Escuta, ó amigo,
Eu te falarei do secreto perfume da Vida.

A Vida não tem filosofia,
Nem sutis sistemas de pensamento.

A Vida não tem religião,
Nem adoração em íntimos santuários.

A Vida não tem deus,
Nem o fardo de temerosos mistérios.

A Vida não tem morada,
Nem a dolorosa angústia do declínio.

A Vida não encerra prazer nem dor,
Nem a corrupção do amor implacável.

A Vida não é boa nem má,
Não é tenebrosa punição de leviano pecado.

A Vida não dá consolação,
Nem repousa no sacrário do esquecimento.

A Vida não é espírito nem matéria,
Nela não existe a cruel divisão da ação e da inércia.

A Vida não tem morte,
Nem o vácuo da solidão na sombra do Tempo.

Livre é o homem que vive no Eterno,
Porque a Vida é.

V

Mil olhos com mil cenários,
Mil corações com mil amores,
Eis o que eu sou.

Assim como o mar recebe, indiferente,
Os cristalinos e impuros rios,
Assim sou eu.

Profundo é o lago da montanha,
Claras são as águas da fonte,
Meu amor é a origem oculta de todas as coisas.

Ah, vem, prova do meu amor.
Então, como o lótus que nasce numa tarde fresca,
Encontrarás o secreto anelo do teu coração.

O perfume do jasmim enche o ar da noite;
Da floresta profunda
Vem o adeus do dia que morre.

A vida de meu amor não carrega fardo;
Atingi-la é encontrar, na plenitude, a liberdade.

VI

O amor é sua própria divindade,
Se o seguires,
Alijando o pesado fardo
Da mente ardilosa,
Estarás então livre das apreensões
Do ansioso amor.

O amor não está confinado
No espaço nem no tempo,
Nem nas coisas desalegres da mente.
Esse amor deleita-se
No coração daquele que muito vagueou
Pela confusão dos anseios do próprio amor.

O Ser, o Amado,
A oculta e integral beleza,
É a imortalidade do amor.

Oh, porque procurar mais longe?
Porque, amigo?
No solo do amor inalterável
Estende-se a rota infinita da Vida.

VII

Ama a Vida.
Nem o começo, nem o fim
Mostra de onde ela veio.
Porque a Vida não tem começo nem fim.
A vida é.

Na plenitude da Vida não há morte,
Nem a dor da grande solidão.
A voz da melodia, a voz do queixume,
O riso e o grito de dor
São a própria Vida em sua marcha para a plenitude.

Olha nos olhos do teu próximo
E te encontrarás com a Vida,
Ali está a imortalidade,
A Vida eterna, imutável.

Para aquele que não está enamorado da Vida
Existe o fardo angustiante da dúvida
E o temor da solidão;
Para ele só existe morte.

Ama a Vida,
E teu amor não conhecerá corrupção.
Ama a Vida, e teu discernimento te sustentará.
Ama a Vida, e não te desviarás
Da senda da compreensão.

Assim como os campos da terra são divididos,
Assim o homem cria uma divisão na Vida,
E, desta forma, gera o sofrer.

Adora, não os velhos deuses
Com incensos e flores,
Mas a vida, com grande júbilo.
Grita, num êxtase de alegria,
Não há desordem na festa da Vida.

Dessa Vida, imortal e livre,
Eu sou a eterna fonte.
Eis a Vida que eu canto.

VIII

Não procures o perfume de um coração solitário,
Nem demores no seu grato conforto.
Porque lá reside
Temerosa solidão.

Eu chorei,
Porque vi
A solidão de um amor insulado.

Nas sombras que se agitam
Jaz uma flor murcha.

O adorar a muitos num só
Conduz ao sofrer.
Mas o amar a um só em muitos
É bem-aventurança eterna.

IX

Com que facilidade
Turba-se a lagoa tranqüila
Ao passar dos ventos!

Não, amigo!
Não procures a felicidade
Nas coisas transitórias.

Só existe um caminho;
Ele está em ti mesmo,
No teu próprio coração.

X

Um sonho nasce de uma multidão de desejos.
Quando a mente estiver tranqüila,
Não atormentada pelo pensamento,
Quando o coração for casto,
Cheio de um amor puríssimo,
Então, ó amigo,
Além da ilusão das palavras,
Descobrirás um mundo.

Ali está a unidade de toda a Vida,
Ali está a silenciosa Fonte,
Que nutre os vertiginosos mundos.

Naquele mundo não há céu nem inferno,
Não há passado, presente, nem futuro;
Não existem as ilusões do pensamento,
Não se ouvem os murmúrios do amor expirante.

Oh, busca aquele mundo,
Em cujo êxtase luminoso a morte não se agita,
Onde as manifestações da Vida
São como as sombras que o sereno lago reflete.

Ele está em ti.
Sem ti, ele não existe.

XI

Como do ventre profundo da montanha
Nasce veloz riacho,
Assim, da dolorosa profundeza de meu coração
Brotou o amor risonho,
O perfume do mundo.

Através dos vales ensolarados
Precipitam-se as águas,
Entrando de lago em lago,
Sempre correndo, sem nunca parar;
Assim também é o meu amor,
Que se esvazia de coração em coração.

Como as águas rolam tristemente,
Através de cavernoso e escuro vale,
Assim meu amor se tornou sombrio,
Obscurecido pelos fáceis impulsos do desejo.

Como as grandes árvores são destruídas
Pela forte correnteza das águas
Que lhes nutriram as raízes profundas,
Assim o meu amor arrebatou cruelmente
De seu regozijo o meu coração.

Eu espedacei a rocha em que cresci.
Como o largo rio que foge para o mar agitado,
Cujas águas não conhecem escravidão,
Assim é meu amor, na perfeição de sua liberdade

XII

Oh, alegra-te!
Entre as montanhas reboam trovões,
Sombras longas atravessam a verde superfície do vale.

As chuvas fazem apontar
Os verdes brotos
Nos velhos troncos mortos.
Lá, no alto, entre os rochedos,
Uma águia constrói o seu ninho.

Com a Vida, tudo é belo e grandioso.

Ó Amigo,
A Vida preenche o mundo.
Tu e eu estamos em eterna união.

A Vida é como as águas
Que mitigam, igualmente, a sede aos reis e aos mendigos:
O rei, com a taça de ouro,
O mendigo, com a taça de barro,
Que se quebra em pedaços junto à fonte.
Cada um considera preciosa a sua taça.

Existe a solidão,
Existe o temor da solidão,
Existe a dor do dia que morre,
Existe a tristeza da nuvem que passa.

A Vida, desprovida de amor,
Vai errando de casa em casa,
Sem que ninguém proclame a sua beleza.

Da rocha de granito
Forma-se uma imagem esculpida
Que os homens consideram sagrada.
Mas eles pisam descuidadamente as pedras
Do caminho que conduz ao templo.

Ó Amigo,
A Vida preenche o mundo!
Tu e eu estamos em eterna união.

XIII

Pesquisa os secretos movimentos de teu desejo,
Assim, não viverás na ilusão.

Que podes saber sobre a felicidade,
Se não caminhaste pelo vale do sofrimento?
Que podes saber sobre a liberdade,
Se não te revoltaste contra a tua escravidão?
Que podes saber acerca do amor,
Se não pensaste ainda em te libertar
Das complicações do amor?

Eu vi as flores que desabrochavam
Nas horas escuras de uma noite serena.

XIV

Quem sabe se o pingo de chuva
Não contém em si a torrente impetuosa?
Quem sabe se o pingo de chuva, ele somente,
Não alimentará a árvore solitária da colina?
Quem sabe se o pingo de chuva, na sua grande queda,
Não cria o ameno som de muitas águas?
Quem sabe se o pingo de chuva, em sua pureza,
Não aplaca a torturante sede?

Insensato é aquele que, na Vida,
Persegue a sua própria sombra.
A Vida lhe escapa,
Porque anda perdido nos caminhos da escravidão.

Para que a luta na solitude da desunião?
Na Vida não existe "tu", nem existe "eu".

XV

Eu não tenho nome;
Sou como a brisa fresca das montanhas.
Não tenho refúgio;
Sou como as águas errantes.
Não tenho santuário, como os deuses obscuros.
Não existo na sombra dos templos profundos.
Não tenho livros sagrados.
Não estou imbuído de tradições.

Não estou no incenso
Que sobe dos altares,
Nem na pompa das cerimônias.
Não me encontro em imagens esculpidas,
Nem no canto sonoro de uma voz melodiosa.

Não estou acorrentado por teorias,
Nem corrompido por crenças.
Não me acho escravizado às religiões,
Nem à devota agonia dos seus sacerdotes.
Não estou iludido pelas filosofias
Nem no poder das suas seitas.

Não sou humilde nem glorioso,
Sou o adorador e o adorado,
Sou livre.

Minha canção é a canção do rio
Que se projeta para o mar aberto,
Correndo, correndo.

XVI

Não ames o formoso ramo da árvore,
Nem abrigues no teu coração apenas a sua imagem.
Ela morre.

Ama a árvore toda.
Então, amarás o galho elegante,
Amarás a folha nova e a folha murcha,
O broto tímido, a flor desabrochada,
A pétala caída e o topo que se balança,
A sombra esplêndida de um amor completo.

Ah, ama a Vida em sua plenitude,
A Vida que não tem declínio.

XVII

O sofrimento cedo se esquece,
E o prazer tem por limite as lágrimas.
Somente aqueles que vêem claro
Se lembrarão das feridas profundas,
Dos seus passados suspiros.

O penar é a sombra
Que segue o prazer.
No seu ansioso vôo é ardoroso o desejo;
A celeridade de sua ação
Desvendará a fonte da alegria.

O conflito da insatisfação é sofrimento;
O bom acolhimento ao penar
É o caminho da felicidade.

A morada da Vida
É o coração do homem.

XVIII

Oh, a sinfonia daquela canção!
O íntimo santuário
Sufoca com o amor da multidão.
A chama se agita com seus múltiplos pensamentos.

O perfume da cânfora queimada enche o ar.
Indiferente, o sacerdote entoa um cântico.
O ídolo refulge, parece mover-se,
Farto daquela infindável adoração.

Um tranqüilo silêncio envolve o ar.
E, de súbito,
Uma canção melodiosa de infinito amor
Traz-me aos olhos lágrimas inefáveis.

Uma mulher de brancas vestes
Canta ao coração de seu amor
Acerca da maternidade que jamais conheceu,
Do riso de crianças ao seio aconchegadas,
Do amor que cedo morreu,
Da desdita de um lar infecundo,
Da solidão na noite tranqüila,
Da vida estéril em meio à terra florida.

Eu choro com ela.
Fundem-se nossos corações.

Ela deixa o refúgio do santuário
Ansiando pela alegria da próxima adoração.

Sigo-a pela eternidade.

Ó ser adorado,
Tu e eu percorreremos
A estrada livre do verdadeiro amor.
Tu e eu jamais nos apartaremos.

XIX

Vivi o bem e o mal dos homens,
E turvo se tornou o horizonte de meu amor.

Conheci a moralidade e a imoralidade dos homens,
E cruel se fez o meu ansioso pensamento.

Tive parte na piedade e impiedade humana,
E o fardo da vida se me tornou pesado.

Concorri com os ambiciosos,
E a glória da vida me pareceu vã.

Mas agora eu penetrei a secreta intenção do desejo.

XX

Com a plenitude do teu coração
Acolhe o sofrimento,
E terás abundante alegria.

Como os rios crescem
Depois das grandes chuvas
E os seixos de novo se alegram
No sussurro das águas correntes,
Assim, vagando ao longo dos caminhos,
Encherás o vazio que cria temor.

O sofrer desdobrará a teia da vida;
O sofrer dará a força da solidão;
O sofrer abrirá para ti
As portas cerradas do teu coração.

O grito do penar é a voz do preenchimento
E a alegria que nele encontras
É a plenitude da vida.

XXI

Não recorro a ninguém senão a Ti,
Ó Amado,
Tu estás em mim.
E, olha, aí
Tenho o meu refúgio.

Tenho lido sobre Ti em muitos livros.
Eles me dizem que muitos semelham a Ti,
Que muitos templos se constroem para Ti,
Que há diversos ritos
Para Te invocarem.
Mas eu não tenho íntima comunhão com eles,
Porque eles todos revestem apenas
Os pensamentos dos homens.

Ó amigo!
Procura o Amado
Nos secretos recessos do teu coração.
Morto está o tabernáculo
Quando o coração deixa de pulsar.

Não recorro a ninguém senão a Ti,
Ó Amado!
Tu estás em mim.
E, olha, aí
Tenho o meu refúgio.

XXII

Meu irmão morreu.
Nós éramos como duas estrelas num céu límpido.

Ele era como eu,
Queimado pelo sol ardente,
Na terra das suaves brisas,
Das palmeiras que se balançam,
Dos refrescantes rios,
Onde há sombras inúmeras,
Papagaios coloridos, pássaros canoros;

Na terra em que a copa verde das árvores
Balouça sob o sol brilhante;
Onde existem areais dourados
E mares azul-verdes;

Onde se vive sob a intensidade do sol,
Que faz a terra tostar-se;
Onde cintilam os verdes arrozais
Que vicejam nas águas lodosas;
Onde corpos nus, bronzeados, reluzem,
Livres, na fulgurante luz;

A terra
Da mãe que, à beira da estrada, amamenta o filhinho;
Do amoroso devoto
Que oferece garridas flores;
Do sacrário à margem do caminho,
Do intenso silêncio,
Da paz imensa.

Ele morreu.
Chorei na solidão.
Para onde quer que eu fosse, ouvia-lhe a voz
E o riso feliz.
Procurava o seu rosto
Em cada passante,
E a cada um perguntava se encontrara meu irmão,
Mas nenhum deles pôde consolar-me.

Adorei,
Rezei.
Mas os deuses guardaram silêncio.
Já não pude chorar,
Nem tampouco sonhar.
Procurei-o em todas as coisas,
Em todos os climas.

Ouvi o ciciar do arvoredo
Chamando-me para sua morada.

E então,
Em minha busca,
Eu te contemplei,
Ó Senhor de meu coração;
Em Ti somente
Vi o rosto de meu irmão.

Em Ti somente,
Ó meu eterno Amor,
Contemplo as faces
De todos os vivos e de todos os mortos.

XXIII

Eu te digo
Que a ortodoxia se estabelece
Quando a mente e o coração decaem.

Como os poços tranqüilos da floresta
Dormem escondidos sob um manto verde,
Assim a Vida está coberta pelo acúmulo
De pensamentos outonais.

Como a tenra folha pejada da poeira
Do último verão,
Assim a Vida pesa
Quando o amor agoniza.

Se o pensamento e o sentimento
Se acham cerceados pelo temor da corrupção,
Então, ó amigo,
Ficas cativo na escuridão
De um dia em declínio.

Uma folha tenra emurchece
Na sombra de um grande vale.

XXIV

Como a flor encerra o perfume,
Assim eu te contenho,
Ó mundo,
Em meu coração.

Guarda-me dentro do teu coração,
Porque eu sou a Libertação,
A felicidade infinita da Vida.

Como a pedra preciosa
Jaz no seio profundo da terra,
Assim eu estou escondido
Na profundidade do teu coração.

Apesar de não me conheceres,
Eu te conheço muito bem.
Embora não penses em mim,
O meu mundo está cheio de ti.
Conquanto não me ames,
És o meu inalterável amor.
Embora tu me adores
Em templos, igrejas e mesquitas,
Eu sou para ti um estranho;
Mas tu és meu eterno companheiro.

Como as montanhas protegem
O vale sereno,
Assim eu te cubro,
Ó mundo,
Com a sombra de minha mão.

Como as chuvas vêm
À terra ressequida,
Assim, ó mundo,
Eu venho
Com o perfume do meu amor.

Conserva o teu coração
Puro e simples,
Ó mundo;
Porque eu então te serei benvindo.

Sou o teu amor,
O desejo do teu coração.

Conserva a tua mente
Tranqüila e clara,
Ó mundo;
Pois nela está a compreensão de ti mesmo.

Eu sou o teu entendimento,
A plenitude
Da tua própria experiência.

Estou sentado no templo
Ou à margem do caminho,
Observando as sombras que se movem
De um para outro lugar.

XXV

A razão é o tesouro da mente,
O amor, o perfume do coração.
Ambos são de uma só substância,
Embora fundidos em diferentes moldes.

Como a moeda de ouro
Tem duas imagens,
Separadas por tênue camada de metal,
Assim, entre o amor e a razão
Encontra-se o equilíbrio da compreensão,
Essa compreensão
Que é tanto da mente como do coração.

Ó Vida, Ó Amado,
Só em ti está o perene amor,
Só em ti reside o eterno pensamento.

XXVI

Como a faísca
Que dará calor
Está oculta entre as pardas cinzas,
Assim, ó amigo,
A luz
Que há de guiar-te
Esconde-se
Sob o pó
Da tua experiência.

XXVII

Ó amigo,
Tu não podes limitar a Verdade.

Ela é como o ar,
Livre, sem limites,
Indestrutível,
Imensurável.

Não tem morada,
Nem templo, nem altar,
A nenhum deus pertence,
Por mais devoto que seja o seu adorador.

Podes tu dizer
De que simples flor
A abelha colhe o doce mel?

Ó amigo,
Deixa a heresia ao herege,
A religião ao ortodoxo;
Mas colhe a Verdade
Do pó de tua experiência.

XXVIII

Como o oleiro
Para a alegria do seu coração
Modela o barro,
Assim tu podes criar,
Para a glória do teu ser,
O teu futuro.

Como o homem da floresta
Rasga uma trilha
Na espessa mata,
Assim podes abrir,
No torvelinho da aflição,
Um claro caminho
Para libertar-te do sofrer,
Para tua perene ventura.

Ó amigo,
Assim como momentaneamente
As misteriosas montanhas
Ficam ocultas no nevoeiro que passa,
Assim tu estás perdido
Na escuridão que tu mesmo criaste.

O fruto daquilo que semeias
Há de pesar sobre ti.

Ó amigo,
O céu e o inferno
São palavras
Para te impelirem pelo temor às justas ações;
Mas céu e inferno não existem.
Apenas as sementes de tuas próprias ações
Farão nascer
A flor dos teus ardentes desejos.

Como o escultor de imagens
Corta no granito a forma humana,
Assim também, na rocha
Da tua experiência,
Talha a tua eterna felicidade.

Tua vida é morte,
A morte é renascimento.
Feliz o homem
Que está além das garras
De suas limitações.

XXIX

A montanha desce até as águas revoltas,
Mas o seu cume esconde-se em nuvem escura.

No toco de um pinheiro morto
Cresceu delicada flor.

A substância de meu amor é Vida
E no seu caminho não há morte.

XXX

A dúvida é ungüento precioso,
Embora queime, cura milagrosamente.

Eu te digo:
Acolhe a dúvida
Quando estiveres na plenitude do desejo.
Provoca a dúvida
Sempre que a tua ambição
Te leve a superar outrem em pensamento.
Desperta a dúvida
Quando o teu coração exulta com um grande amor.

Eu te digo:
A dúvida faz nascer o amor eterno,
A dúvida purifica a mente.
Assim, a força do teu viver
Assentará na compreensão.

Para a plenitude do teu coração,
E para o vôo da tua mente,
Deixa a dúvida romper os liames que te embaraçam.

Como os frescos ventos das montanhas
Despertam as sombras do vale,
Assim deixa a dúvida
Reavivar o declinante amor
Da mente saciada.

Não deixes a dúvida entrar a furto no teu coração.

Eu te digo que a dúvida
É ungüento precioso;
Embora queime, cura milagrosamente.

XXXI

Escuta-me,
Ó amigo:
Sejas tu um iogue, monge, sacerdote,
Devoto cheio de amor a Deus,
Peregrino à busca da felicidade,
Banhando-se nos rios sagrados,
Visitando sagrados santuários;
Sejas tu o adorador eventual de um dia,
Um ledor de muitos livros,
Ou um construtor de templos,
Meu amor pena por ti.
Eu conheço o caminho do coração do Amado.

Essa luta vã,
Esse afã imenso,
O contínuo penar,
O inconstante prazer,
Essa dúvida ardente,
O fardo da vida,
Tudo isso cessará, ó amigo.
Meu amor pena por ti.
Eu conheço o caminho do coração do Amado.

Terei peregrinado pela terra?
Terei amado as imagens?
Terei entoado cânticos em êxtase?
Terei vestido as sagradas vestes?
Escutado os sinos dos templos?
Ter-me-ei repletado de estudos?
Terei pesquisado?
Terei andado perdido?
Sim, muito tenho experimentado.
Meu amor pena por ti.
Eu conheço a senda do coração do Amado.

Ó amigo,
Porque amas tantas imagens,
Se podes ter a realidade?
Atira para longe os teus sinos, os teus incensos,
Os teus temores e os teus deuses,
Põe de lado os teus credos, as tuas filosofias.

Vem!
Afasta de ti tudo isso!
Eu conheço o caminho do coração do Amado.
Ó amigo,
A união simples é a melhor.
Esse é o caminho do coração do Amado.

XXXII

Através do véu da Forma,
Ó Amado,
Eu vejo a Ti, a mim mesmo, em manifestação.

Como são inatingíveis para o vale
As montanhas!
Mas as montanhas
Contêm o vale!
Como é misteriosa a escuridão
Que faz nascer as vigilantes estrelas;
No entanto, a noite nasce do dia!

Estou enamorado da Vida.
Como o lago da montanha
Que recebe muitas correntes d'água
E despede grandes rios,
Mas conserva as suas misteriosas profundezas,
Assim é o meu amor.

Sereno e claro como as montanhas ao amanhecer
É o meu pensamento,
Nascido do amor.
Feliz o homem que encontrou a harmonia da Vida,
Porque, então, ele cria na sombra da eternidade.

Krishnamurti

A Canção da Vida

ICK